

ANTÔNIO CONSELHEIRO
ÁFRICA DE UM SERTANEJO MÍSTICO

Gonçalo Ferreira da Silva



ANTÔNIO CONSELHEIRO
África de um Sertanejo Místico

Gonçalo Ferreira da Silva

I

A obra Gonçaliana
humanamente imperfeita
como toda e qualquer obra
por mão imperfeita feita
é, apesar dos defeitos,
universalmente aceita

O Ceará deu Luiz
Severiano Ribeiro,
Cícero Romão Batista
o santo do Juazeiro,
Antônio Vicente Mendes
Maciel – O Conselheiro..

Além do terceto acima
centenas de outras figuras
cearenses enriquecem
as mais diversas culturas
como documentos vivos
para gerações futuras.

O grande tema Canudos
e Antônio Conselheiro
exerceu forte fascínio
no escritor brasileiro
sendo sem conta os poetas
que exploraram o roteiro.

Neste poema o profeta
andarilho das estradas
terá as suas andanças
reproduzidas, mostradas
depois de longas pesquisas
em fontes autorizadas

Euclides foi simplesmente
antológico e genial
ao descrever esse triste
episódio nacional
com cores fortes e vivas;
e talento sem igual.

Destina-se este poema
portanto a centros de estudos,
a professores, alunos
incligentes, agudos
interessados na vida
do profeta de Canudos.

O ano mil oitocentos
e vinte e oito agoniza,
Quixeramubim envolta
em doce e suave brisa
aguarda a vinda do filho
que mais se notabiliza.

Perdeu-se dentro do tempo
a data do nascimento
pois os cartórios locais
não acharam documento
com o mais leve vestígio
do dia de tal evento.

Porém simplesmente a falta
de certidão ou registro
não arrancaria o mérito
daquele santo ministro
do abrasante sertão
e muitas vezes sinistro.

O Cristo das caatingas
que por ordem soberana
pregou história sagrada
e ao mesmo tempo profana
Antônio foi quem sentiu
mais de perto a dor humana.

Disse Euclides que Antônio
Conselheiro no ofício
de evangelização,
de suportar sacrifício
poderia entrar na história
como ir para o hospício.

Quando Antônio tinha seis
anos Maria Joaquina
sua mãe trocou a Terra
pela região divina
deixando Antônio cumprido
da orfandade a má sina.

Ao colocar do caixão
da esposa terra em cima
Vicente Maciel casa
com Francisca sua prima
que não mostra aos enteados
qualquer vestígio de estima.

Assim se criou Antônio
Conselheiro pelos matos,
da madrasta recebendo
quase diários maus-tratos
e assistindo aos domingos
missas e assassinatos.

Palmas para o assassino
porque ele é valentão,
váias pra quem tem a honra
ferida sem reação,
está redigido o livro
que faz a lei no sertão.

Aos doze anos, Antônio
já perfeitamente lia
em latim e em francês
as lições que aprendia
com o mestre Ferreira Nobre
que só ensinar sabia.

Com quinze anos já tinha
o dom de fazer sermões,
vaticinando o futuro
arrastava as multidões,
seu nome já ecoava
nos mais distantes sertões.

O adolescente Antônio
já era muito aplaudido,
pelos velhos, respeitado,
pelas crianças, querido,
por mestres, admirado
por todos reconhecido.

O velho pai de Antônio
de tanta fama em razão
aprendia com o filho
como fazer oração
e ouvia trechos da bíblia
recostado no balcão.

Em concentração ficavam
aquelas duas criaturas
enviando preces mudas
às infinitas alturas
e reverentes diante
das sagradas escrituras.

No ano mil oitocentos
e cinquenta e cinco, dia
cinco de abril, Viceme
ao Criador voltaria
pois diante das três filhas
e de Antônio, morria.

A responsabilidade
de Antônio triplicou
pois com a morte do pai
conta das irmãs tomou
até o dia que a última
das três irmãs se casou.

O sertão iluminado
por velas bruxuliantes,
um verdadeiro convite
para fantasmas errantes
mulas-de-padre, duendes
caipora e semelhantes.

Certo dia apareceu
na cidade de Sobral
uma prima de Antônio
doce, pura, angelical
com beleza nunca vista
em criatura mortal.

Quando Antônio viu a moça
de corpo muito bem feito,
sensual e provocante,
insinuante e perfeito
perdeu a condição para
racionar direito.

Brasilina era o nome
desta jovem de cor fina
que se casou com Antônio
para cumprir sua sina
de eterno peregrino
ao lado de Brasilina.

Vendeu o velho armazém
que herdara de Vicente,
ganhou o oce do mundo
da mulher e sogra à frente
e mais um recém-nascido
à luz de sol inclemente.

Perambulou nos sertões
quase em extrema miséria:
Campo Grande, Tamboril,
Ipu e Santa Quitéria
com uma esposa volúvel,
provocante e nada séria.

Em Ipu Antônio passa
em Brasilina rasteira
perdidamente envolvida
com uma jovem santeira
deixando a mulher sozinha
chupando o dedo na feira.

A vingança em grande estilo
foi no seguinte momento,
Brasilina apaixonou-se
por um fogoso sargento,
Antônio, com uma parábola
pôs um fim no casamento.

Abençoando, pregando,
esmolando, maldizendo,
algumas vezes chorando,
se lastimando e gemendo
e "Senhor a Vós Bradamos"
pelos sertões prorrompendo.

Antônio percebeu quando
a Santa-Missão passou,
depois de tantos fracassos
algo nobre o inspirou,
sem pensar segunda vez
Conselheiro a acompanhou.

Era um espetáculo bárbaro
de fé mesclado de dor,
Antônio agora queria
ressuscitar o amor
como instrumento divino
a serviço do Senhor.

Transpôs fronteiras de muitos
estados da União,
do Ceará a Bahia
cumprindo humana missão
cercado de calorosa
e devota multidão.

Em direção a Canudos
ia o grupo numeroso
tendo à frente o Conselheiro
reverente, respeitoso
como guiado por algo
estranho e misterioso.

"O negócio de república
não pode ser coisa boa,
nossa princesa Isabel
teve de Deus a coroa,
Ré-pública só pode ser
crisa de mulher à toa.

Sabendo que a ex-esposa
se achava decadente,
vaticinou Conselheiro
num tom muito comovente:
- Vai morrer prostituída
como a república nascente.

Antônio estava em Canudos
para missão pastoral,
com a cabeleira imunda,
os gestos, o ritual
pregavam nos seguidores
algo sobrenatural.

Veio a palavra Canudos
do estranho ritual
desde os primórdios da história
da população local
que só fumava em canudos
de porte descomunal.

Canudos cresceu de modo
espantoso e repentino
que parecia agregar
todo o sertão nordestino
exatamente por causa
do emissário divino.

Generalizou-se a moda
no nordeste brasileiro:
vender bois, cavalos, cabras,
reunir muito dinheiro
e dividi-lo em Canudos
com o santo conselheiro.

Em vinte e um de novembro
de mil oitocentos e
noventa e seis, suicida
legião toma a cidade
de Uaupá de assalto
provocando mortandade.

No suicida confronto
legiões enfurecidas
portanto foice e facão.
Duas centenas de vidas
foram ceifadas e outras
tantas ficaram feridas.

A primeira expedição
mostrava-se tão voraz
que Antônio Conselheiro
obstinado e tenaz,
não mais teria em Canudos
um só instante de paz.

No ano mil oitocentos
e noventa e sete quando
a segunda expedição
chegava sob comando
do major Fabrício Brito
foi destruindo e matando.

Santo Antônio Conselheiro
dava sinais de cansaço
a imunda cabeleira
dava repelente traço,
os olhos nevados eram
claros sinais de fracasso.

Sem ter como arrancar força
para esboçar reação
restava a inteligência
para ser posta em ação
fiel canalizadora
da mais pura inspiração.

Esta ditou a Antônio
que transmitisse aos demais
como lutar nas caatingas
com táticas especiais
confundindo-se, imóveis,
com os próprios vegetais.

Mas Antônio e seus jagunços
não tinham como ter sorte
sendo o rico contra o pobre,
sendo o fraco contra o forte
houve a derrota implacável
e fragorosa do norte.

No grande massacre a honra
da Nação ficou ferida,
irmão dizimando irmão
na batalha fratricida
sem amor e sem nenhuma
consideração à vida.

A quarta e derradeira
expedição militar
por generais comandada
não demorou a chegar
trazendo no pensamento
a ordem de massacrar.

Trouxe a expedição da pens
o fenomenal artista
Euclides da Cunha como
historiador, cronista,
sociólogo, repórter,
inteligente analista.

Apesar do saldo trágico
de mil jagunços feridos
e de centenas de mortos
macabramente caídos
não existiu, moralmente,
vencedores nem vencidos.

Tomaram os conselheiristas
tão forte dose de fé
que lutaram com bravura
obstinação até
deixarem os corpos caídos
porém moralmente em pé.

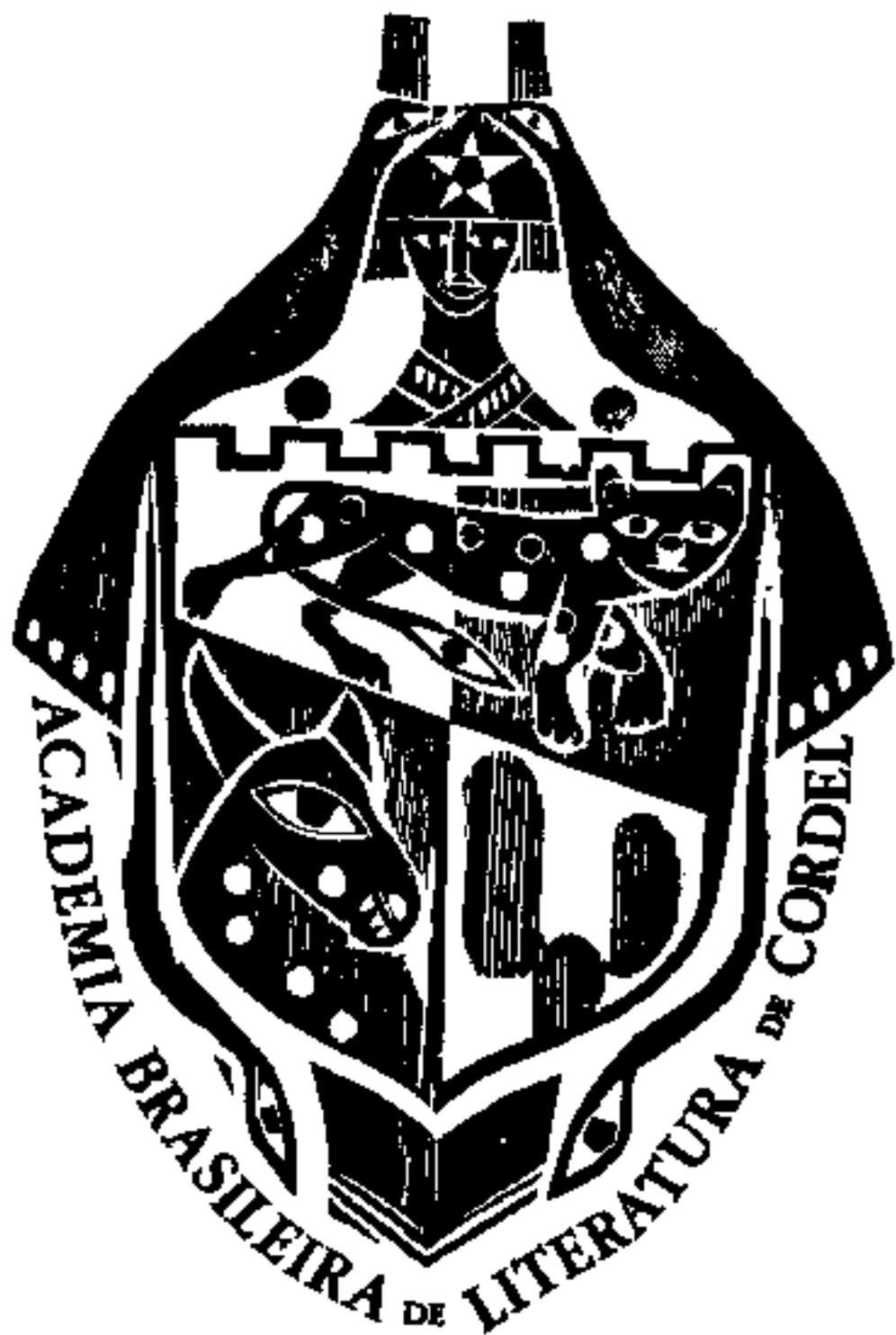
Minutos antes de ser
degolado cruelmente
Antônio ainda fazia
um discurso veemente
voando chispas de ódio
contra a República nascente.

Portanto em plena missão
Santo Antônio faleceu
e a pena missionária
de Euclides escreveu:
Houve a chacina, porém
Canudos não se rendeu.

Santo Antônio Conselheiro
foi Deus de um só idioma,
pregou a fraternidade
porque Antônio era a soma
das mais diversas doutrinas
sem compromisso com Roma.

FIM

Junho/97



Gonçalo Ferreira

STUDIO GRÁFICO E EDITORA

Livros, Jornais, Revistas e Folhetos

Tel.: 232 - 6548